

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO

MEMORIAL

Conselho Editorial de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO
S.A. G. m

OCTAVIO SÉRGIO



UM SEM-TRABALHO



O vosso caricaturista, não sabendo já o que desenhar, oferece-se para pintar mobílias, regadores, baldes, vasos e retratos de falecidos a óleo.

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

Colecção PARA TODOS

A melhor serie de romances, dos mais interessantes
autores estrangeiros, de Aventuras de Amor, Poli-
cia's e Históricos, Literatura são



Preço de cada volume em todas as Livrarias

BROCH. 12\$50 — ENC. 17\$50

Rafael Sabatini

(o Dumas moderno)

- Scaramouche fazedor de Reis
- O Capitão Blood
- A Volta do Capitão Blood
- O Gavião do Mar
- O Principe Romântico
- O Grande Amor

Baronesa Orczy

- O Pimpinela Escarlata
- A Vitória do Pimpinela Escarlata
- Novas aventuras do Pimpinela Escarlata
- Sir Percy
- Eu me vingarei
- O Tirano
- Eldorado
- Rosamaria

Edgar Wallace

- O Milhão Perdido
- O Gabinete n.º 13
- O Vingador
- O Comandante de almas
- O Apartamento n.º 2

- Um Perfil na Sombra
- O Leão da Bólsa
- A Serpente de Plumas

E. M. Hull

- O Filho do Sheik
- O Sheik

Elynor Glin

- Macho e Fêmea

P. C. Wren

- Beau Geste
- Beau Sabreur

E. Barrington

- A Divina Dama

Conan Doyle

- A Cidade Submaria
- A Caixa Sinistra

Jak London

- Aventureira

LUÍS EDMUNDO

O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS

Cvriosa reportagem histórica, reconstrução da vida social brasileira durante o vice-reinado do Brasil no Rio de Janeiro, 1763-1808.

Um grosso volume com mais de 500 páginas, grande formato e cerca de 300 ilustrações, na maioria originais dos pintores brasileiros Wash Rodrigues, Henrique Cavaleiro, Marques Júnior, Carlos e Rodolfo Chambeland. Reconstituições feitas através documentos históricos. **Hors-Textes** reproduzindo estampas do tempo, telas, bem como outros aspectos da Arte portuguesa no Brasil Colonial. Luxuosa impressão

Assuntos do livro: A cidade colonial. A gente Ruas, praças vielas e alfurjas. Lojas, Mercadores e seus caixeiros. Ambulantes, Mendigos. Escravos. Procissões. Igrejas. Sentimento religioso da massa. Padres. Frades. Irmãos da opa. Nosso Pai. A casa e sua arquitectura. A morada por dentro. Mobiliário. Criados. Cozinha e mesa. Donos e donas de casa. Nascimento, infância, adolescência e educação de sinhasinha. Namoro e casamento. As cortezias e obrigações na sociedade. A moda. Os elegantes do tempo. Médicos.

Cirurgiões. Barbeiros. Parteiras. Dentistas. Algebristas. Sangradores. Feiticeiros. Santos curadores. Festas populares. Alegorias. Carvalhadaz-Touradas. Congadas. Serração da Velha. As folias do Divino. Outras diversões populares. Teatro. Actores. Espectadores. Plateias. Peças. Teatrinhos de bonecos. Justiça. Juizes. Causas. Advogados. Pelourinhos e fôrca.

Direito de Família dos Soviets

Por **VICENTE RÃO**

Contendo o código das leis de casamento, da família e da tutela, traduzido e comentado. 2.ª edição, à venda em tôdas as Livrarias.

PREÇO: 20\$00

PEDIDOS Á

Livraria Avelar Machado

Rua Poço dos Negros, 19-21 — LISBOA

LIVRARIA AVELAR MACHADO

Rua Poço dos Negros, 21 — LISBOA

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua do Almada, 107-2.º — PORTO

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Houve sábado último, nos Estados Unidos da América, um *match* de *box*. Bateram-se no estrado Carnera e Schaaf, que pelos modos eram dois azes do pugilismo. O rendimento líquido do espectáculo, segundo os jornais informaram, foi de dez mil contos da nossa moeda. Isto num país onde há dez milhões de pessoas desempregadas e morrendo à fome...

Degladiaram-se admiravelmente, e com aprazimento geral do público, os dois contendores. Tão admiravelmente, que um de êles, Schaaf, ao décimo terceiro *round* — sempre fatídico, êste número treze! — foi-se abaixo das pernas, estatelando-se nas tábuas, inteiramente *knok-out*. Passaram os dez segundos da praxe, dez minutos, dez horas... Schaaf não tornou a erguer-se. Nem tornará. Morreu no seu pósto. Que a terra lhe seja mais leve que os sócos de Carnera.

Parecia que o caso devia ficar por aqui. Visto que êsses dois homens se tinham colocado frente a frente, perante uma inumerável turba de espectadores, para se esmurrarem mutuamente, até que um de êles derrubasse o outro, verificava-se que o programa tinha sido cumprido em todos os seus artigos, sem a menor fraude ou combinação

entre os dois pugilistas. E como é de uso e costume em prélios de aqueles, aclamar e vitoriar o vencedor, de esperar seria que Carnera saísse do *ring* aos ombros dos entusiastas, enquanto o vencido fôsse levado — também aos ombros, mas dentro de um caixão — para a Morgue ou para o cemitério.

Não aconteceu, porém, assim. Carnera foi preso, acusado de homicídio voluntário, e pode muito bem acontecer que venha a sentar-se na cadeira eléctrica. Na América tudo é possível, — mesmo injustiças de êste quilate.

*

Se alguém deve ser preso e responsabilizado, num caso dêstes, são as autoridades que permitem semelhantes espectáculos e o público que a êles assiste. Eu não conheço — nem julgo possível que exista — maior e mais completa manifestação de selvageria do que êste flagício social de se collocarem dois homens face a face, rodeados de numerosos espectadores, degladiando-se em murros violentos até que um de êles desabe. Espectáculo é êste que ultrapassa, em brutalidade e violência, os do antigo circo romano, onde havia

ao menos, uma grande dose de teatralidade. No *box*, não. Há simplesmente uma nota de ferocidade ancestral, da barbárie primitiva irrompendo numa era que se diz civilizada. E os detentores do poder permitem coisas daquelas! E pagam-se bilhetes de entrada a pêso de ouro, para se assistir à peleja! E entre os que a presenciaram, havia, pelo menos, cinquenta por cento de mulheres!

Eu não tenho pena alguma de Schaaf, como a não terei de Carnera, se o condenarem à pena capital. Eram dois homens inúteis, que viviam da asquerosa profissão de jogar o murro em público. Nada lucrou a sociedade com a sua aparição no mundo. Nada perderá com o seu desaparecimento. A única pena que tenho — e essa profunda — é de que sejam possíveis estas coisas em pleno século vinte e de que se vá desenvolvendo assim o culto pela força bruta, numa época em que a inteligência devia valer muitíssimo mais.

*

E lamento imensamente, também, que as mulheres gostem dêstes espectáculos. Elas, que deviam ser tôdas graça, tôdas sensibilidade, tôdas coração, enchem as bancadas dos anfiteatros para verem dois homens batendo-se pela forma mais grosseira e menos elegante que pode revestir um combate entre seres humanos! Vá, com mil diabos, que se babem pelos esgares do Chevalier e pelas piruetas do bailarino Godoy. Mas pelos sócos dos *boxeurs*! E' o culto do músculo em almas cujo envoltório material se desmuscilizou em obediência à moda, embora simulem, por vezes, de desportistas ferrenhas. E' o regresso à fêmea troglodita, esperando pacientemente, no recanto da sua caverna, que, dos dois machos em disputa da sua posse, um aniquile o outro. E é, sobretudo, a exteriorização da nevrose que hoje as domina quasi geralmente e faz que só encontrem sensações agradáveis no que de antes as faria desmaiar de horror.

Grande pena que em Portugal haja tão poucos pugilistas, e quasi todos de segunda ordem! Mas, minhas senhoras, ânimo! Ainda se não acabaram os carregadores da alfândega!

CARTAS DO MONDEGO

Coliga MARIA RITA:

Chamo-te colega porque, afinal, tu frequentas também a Universidade. Vejo-te ir a tôdas as aulas.

Vejo-te nos Direitos a ouvir atentamente as preleções sobre a *mancipotto* ou então muito entreitada a escutar opiniões e mais opiniões acerca do artigo 2.º do Código Commercial.

Vejo-te nas letras, ora a ouvir uma preleção sobre história pátria, ora embrenhada nas teorias de Fred ou Kant, ora a recordar alemão e francês, latim e grego.

Vejo-te nas aulas de Anatomia, muito atenta às preleções do mestre.

Vejo-te na Farmácia a aprender como se fabricam pílulas.

Vejo-te nas matemáticas a tombo com logarítmicos e coisas quejandas.

Vejo-te, enfim, em tôda a parte.

E's uma colega feliz! Não ês chamada, não tens a preocupação de, no fim do ano, apanhar um *chumbo* — perdoa o *argot*, mas como se está a usar muito nas chamadas classes finas não resisto à tentação de também o usar — e que é melhor ainda, não pagas propinas.

E' de admirar porque, afinal, estás matriculada

em tôdas as faculdades e em cada faculdade em todos os cursos.

E depois tem espirito! Fazes rir tôda a *malta* e tôda a *malta* te adora.

E', pois, na qualidade de colega que, de hoje em diante, te enviarei as minhas notícias.

*

Volta a dar que falar o caso de Maria do Sol. Os jornais berram e com razão. As mulheres portuguesas, em grande gesto humanitário e digno de elogios, vão pedir o indulto de Maria do Sol. Está certo. E de resto há lá direito que uma Maria do Sol esteja à sombra!

*

Vamos ter, êste ano, um carnaval civilizado. Muita alegria, um grande corso e o mais que se verá. Pobre carnaval de Nice! Pobre carnaval do Rio de Janeiro!

*

Segundo os jornais, rebentou há pouco na Alemanha uma fábrica de gases asfixiantes. Morreram mil operários, diz consternado um jornalista português para um alemão que o acompanhava.

— *Kolossal!* Mil mortos... Como vês os nossos gases são excelentes!...

Abraça-te o

Mil REIS.

Marcial JORDÃO.

Balancete da semana

Não sei se sabem já que a Companhia Portuguesa, mas com séde em Paris — que é quem manda hoje em dia nas grandes linhas férreas do país — teve uma ideia bela: promover excursões, que ficam afinal por uns tostões, aos píncaros da Estrêla. Vi ontem num jornal a descrição de uma de essas esplêndidas viagens, e até fotografias das paisagens contempladas na estranha digressão: árvores nuas; rios congelados; névoa pairando como um floco leve; e atrás, em frente, em cima, em baixo, aos lados, a neve interminável, sempre neve. P'ra mais — diz o jornal — soprava rígido um vento glacial; e naquele ambiente ingrato e frígido seguia a caravana triunfal...

Pois, senhores, tomei-me de tal frio, que tive de beber, só de uma vez, três chic'ras grandes de café, a fio, e um calix de conhaque Tamarés. E apanhei um defluxo, a-pesar-de isso. A neve... Linda coisa! O diadema das montanhas desertas e sem viço... Cheia de encanto e mágico feitiço — quando se vê nas fitas do cinema!

Sem embargo, há quem goste, e vá de esqui correr essas vertentes desoladas, enchendo de alegria e de *vacarme* os ecos das quebradas. Eu, nesse ponto, devo confessar-me: só levaria o esqui... para esquivar-me a tamanhas maçadas.

Lavra o terror em Cuba. O presidente, que se chama Machado, mas é por muitos já denominado «o Mussolinisito do Ocidente», mata e degola o pobre povo inerme qual na antiga Comuna de Paris. É venha cá Diogenes dizer-me que só dentro da Cuba se é feliz! Nunca se viu Machado assim afiado, jogando, sem cessar, golpes de cego. Mas que tenha cuidado, não vá estragar-se o gume, de embotado. A tirania, às vezes, dá em prego...

E' verdade: começa o Carnaval. Não dei por êle ainda. E' o calendário quem me diz que êsse velho salafrário faz o seu festival... Desgraçado! Não passa um só bilhete, por mais que o seu aspecto de vegete inspire compaixão. Como há de florescer o velho Entrudo neste país anémico e trombudo que vive em sexta-feira da Paixão?

TURIDDU.

Pousa aqui... pousa ali...

O sossêgo das nações E agora que mais há de ser?

Continua todo o mundo com furiosos ataques de epilepsia, sacudindo os nervos das granadas, esgazeando os olhos das espingardas e mostrando a bocarra escancarada das peças e dos canhões!

A D. Bolívia não cessa de bulir e o Sr. Paraguay não pára de mexer. O Peru segue de monco caído.

Na Irlanda, o Valera diz que nada valerá à Inglaterra arreganhar os dentes, e quer implantar uma república, trocando o oxford britânico pelo tecido escocês.

Na Mandchúria, então, nem é bom falar! A China quer manchar, o Japão quer desmanchar, enquanto a Sociedade das Nações olha para os mandchús... e nem chús nem búis.

República Imperial As camisas e os martelos

Hitler Kaiser Charlot, verdadeiro réi presidencial de Alemanha pseudo-republicana, cheio de farronca e audácia, guindado de pintor de tabuletas a Imperador Absoluto, exerce com a brocha da sua profissão o mandato em que o investiram, borrando de tinta preta todo o vermelhão do ideal comunista. Senhor supremo, tendo a faca e o queijo na mão, corta por onde lhe apraz, muito senhor do seu nariz e do seu bigodinho, rival do de Charles Chaplin.

O pior é, se contra a sua faca e o seu queijo se revoltam o martelo e a foice dos bolchevistas.

Então será o bom e o bonito! O martelo à marretada ao queijo e a foice a escanhoar o charlotesco bidé do camarada Hitler! E' um bigode que *foi-se* p'ró maneta!

Nem as mulheres sossegam!... O diabo das Anas!

Agora revoltou-se a Anatólia! Já houve zaragata na Austrália. A seguir foram as ilhas Carolinas. E surge-nos a semana passada a revolta da Anatólia!

As mulheres são levadas do diabo! A' revolta da Anatólia, segue-se com certeza a revolução da Ana Maria, da Ana Rosa, da Ana Rita e de tôdas as outras Anas, incluindo a Magana!

Preguntam-nos aqui do lado a que nacionalidade pertence a Anatólia.

Todos sabem que a Anatólia é francesa, ou ela não fôsse a viúva do Anatole France!...

Ah! Ah! Ah!

LÁ POR FORA

O que tem sido o carnaval no estrangeiro

Os nossos telegramas

Os povos divertem-se. A época carnavalesca decorre entusiástica, foliona, alacre e febril por tóda a parte do mundo e outras partes à parte.

E' um reinar doido de paranoia a pedir brometos, flor de laranja e camisas de onze varas!

Leiam! Leiam!

DE GENEBRA

Dansas e contradansas

Aqui há sempre Carnaval. O Entrudo é permanente. Genebra derrotou Nice e fêz escurecer Veneza.

No último baile as nações apareceram vestidas de patos... de Kellog, depenados e com o bico torcido.

Para se poder dançar à vontade, escolheram-se os salões planos... de Young. A certa altura verificou-se que os planos eram todos inclinados!

Os bailes mais concorridos são os da Sociedade Filarmónica das Nações de Ambos os Sexos.

Tódas as noites há dansas, contradansas e quadrilhas... E é cada quadilha, rapazes!!!

DO BRASIL

Qui grande fórróbódó!

O' mia Nossa Sióra, qui cárnavaal tão esculhambado! Seu Gétulio continua máscarado de ditadô, fingindo-se de constitucioná. Ui, gentes!

Tem hávido pagode p'rá burro!

No último baile do Catete, todo o pessoal ia figurado d'acções, com os cupão por pagá! 'Tava lindo!

Quando acabou o fórróbódó, estavam os cupão descozido e os fundings todos rotos!

Seu Gétulio não tem estado bom. Já anda muito *corcovado* e *botafogo* por todos os olhos!

Continuam os bailes e o povo tem organizado cordões que atravessam as ruas cantando.

«Nota da redacção». Pois sim. Mas quem puxa pelos cordões à bolsa somos nós, os portugueses.

DA ALEMANHA

Dois notáveis cortejos

Dois grandes cortejos carnavalescos estão preparados para sair pelas ruas de Berlim.

Um dêles é organizado pelo Club Hiltieriano Recreativo das Direitas. O outro é levado a efeito pelo Centro Bolcheviro-sca Dansante das Esquerdas.

Tôda a Alemanha está com os olhos fitos neste grande divertimento carnavalesco que está despertando um interesse extraordinário em todos os países civilizados.

Qual fará melhor figura?

Qual dêles chegará ao fim?

Há também vários cortejos organizados pelos Clubs do Centro Não te Rales. Estes, porém, não interessam a população.

Hoje, mais do que nunca; ou esquerda ou direita!

Tudo o que ficar no meio será esborrachado!

DA ITÁLIA

Grandioso baile mas... quê?

No Centro Mussolini Olio del Ricino tem-se realizado imponentes bailes promovidos pelos Camisas Sujas e dedicados ao Duce de Paranhos.

Vários, originais e elegantíssimos costumes tem desfilado pelos maravilhosos salões do Centro, impondo-se pelo seu luxo e pela sua exuberante fantasia.

Alguns grupos que fizeram sensação:

Os camisas sem fralda; os cuecas castanhas; os papagaios cinzentos; os calças pardas; os espartilhos congelados; os soutien-gorges côr de marmelo e as ceroulas seladas à Luís XV, etc., etc.

No último baile apareceu o Sr. Vitor Emmanuel vestido de rei. Ia tão bem disfarçado que ninguém o reconheceu. Nem êle mesmo...

DA RÚSSIA

O Entrudo bolchevista

Prosseguem num entusiasmo delirante as diversões carnavalescas.

O desfile do exército vermelho às riscas atravessou a Sibéria, jogando confettis, serpentinas, metralhadoras, lança-perfumes, lança-granadas e lança-torpedeiros.

O tempo chuvoso estragou a imponência do cortejo, tendo o vermelho do exército desbotado para côr de burro quando fuge.

O baile do plano quinquenal atingiu uma imponência super-fantástica, sendo dançado o primeiro *fox-trot* pela espôsa de Staline e o bispo de Moscovo, que foram levados em ombros para fora da praça.

Não houve senhas de saída.

Compareceram os internados do asilo de S. João-Cinema e os do Terço com a respectiva banda.

Ele e as flores

Este Senhor que a fama inteira goza,
E ao qual a Raza deve o seu valor...
A' harmonia que faz com qualquer flor,
De penas mil, arranca verso e prosa...

Se na lapela traz a fresca rosa,
Iguala às faces suas que é um primor!...
Então com os olhos seus fica um amor!
A hidranja azul, quando ela a ostenta airosa!...

Se branca é a flor que traz, é co'as barbinhas
Que ela condiz!... Que graça! Que interessante!...
Ficam bem as papoulas vermelhinhas.

Com a rubra chama do seu peito amante!...
E em cada flor, um traço se adivinha,
Fazendo assim sucesso retumbante!!!...

ORQUÍDEA.

PERFIS DO PORTO

XXXVII

Tenente Renato Boaventura



É irmão do caricaturista, razão porque nos abstemos de adjetivos.



Surprêsas

Noite cálida de Agosto. O céu é pejado de estrêlas. Os mosquitos andam em grande bacanal e os acordes diabólicos do seu Jazz espicaçam-nos os nervos. Perpassam em nós desejos de banhar estes simpáticos e gentis insectos a jactos fortes de *Flit*.

Pelos ares trota o bucolismo dos campos.

A noite avança sempre, e o ruído da grande bacanal vai-se desfazendo, até morrer, à medida que as estrêlas vão morrendo, também, lá no céu.

A aurora vem e com ela *Eros*, o tal que trás as setas às costas.

*

Conheceram-se no campo, numa manhã radiosa de sol, de luz e cheia do calor que fecunda as vinhas e dá seiva nova aos seres vivos.

Havia no ar o cheiro forte da fêmea trabalhadora das nossas terras, desperitando os sentidos.

Ouvia-se, ao longe, a doce canção dum riacho, no seu cantar infinito.

Pairava no ar uma atmosfera de poesia, impregnando as almas de doçura.

Ela era esbelta e vinha elegantíssima no seu vestido de campo. No seu corpo havia a flexibilidade do pelo de elefante. Os seus olhos pareciam reflectir a côr dos oceanos e eram doces como um favo de mel. Tinha os cabelos loiros, dum loiro macio e quente, de ondas largas, tentadoras de naufrágio. Havia na sua cutis a linda côr rosada da saúde *rouge* e a sua bôca era um minúsculo coração de *baton*.

Era apeteçível como um morango maduro.

Ele era um mocetão, de corpo enriçgado pelos exercícos desportivos, cheio de vida e alegria.

A sua voz, doce como uma melodia, fêz vibrar na alma dela as cordas do amor.

*

Era naquela noite a primeira entrevista.

De dia chovera como se se tivesse rompido o céu.

Havia pelos caminhos uma escuridão de túnel, que tornava mais longos os vinte minutos de distância que o separava de casa dela. Pelo ar voava o cheiro da terra molhada, e o céu, de vez em vez, acendia lumes, lá no horizonte.

E êle caminhava sempre, ansioso de saborear o gôsto daquele coração de *baton*.

Na casa dela não havia luz nas janelas. Tudo era escuridão profunda. Dela nem o mínimo ruído.

Encostou-se a uma árvore e deixou-se embalar por um sonho grande. Meia hora mais tarde, o ruído dum janelo que se abria, ao rez do chão, trouxe-o à realidade da vida.

Nervosamente, avançou para aquela janela que encaixilhava tôda a sua felicidade de momento, resumida num vulto de mulher, e ávido, doido de alegria por ela ter vindo, beijou, sofregamente, uma bôca que lhe trouxe um sabor desagradável de cebola e alho.

E quando, atônito, dela se arrancou, ouviu, como marteladas, estas palavras, numa voz desconhecida:

— A menina pede desculpa de não vir.

— ?...

— Está entaladinha com uma espinha de bacalhau.

Ce GE.

Ensinamentos práticos

Contra os ratos

Os ratos, como tôdas as donas de casa sabem, são um dos grandes flagelos da humanidade e seus adicionais. Roem tudo quanto apanham a geito, sem geito mesmo nenhum. Até reputações, que às vezes já teem cada rombo...

Além de tudo o mais, — que é história, o rato é transmissor da raiva. (Isto intê parece uma lição de zoologia... O Dr. Zooprotéico que me perdoe). Pois, como les ta dizendo, o rato transmite a raiva. Não? Homex! Então uma madama, quando de manhã vai ao almário, passa a mão pelo queijo e encontra-le um buraco, não fica enraivecida? Claro que sim.

Mas a culpa é de quem fêz o rato. Se o tivesse feito derrabado, já isso não assuedia: era, pelo contrário, anti-rábico.

Para liquidar os ratos, um proficiente arquitecto inventou uns edifícios a que pôs o nome de ratoeiras. Mas isso não deu resul-

tado. A maior parte das vezes sucede os ratos comerem as ratoeiras... e cuspirem no isco...

Nisto, vem de lá um sábio químico, com retortas, cadinhos, estufas e tal e coisas e inventou um gardiente, a que pôs o nome de gato. Mas o fiasco foi igual e o resultado semelhante. Quem diabo se lembraria de fazer um gato muito maior que um rato? Como querem que um gato entre num burquinho por onde rato se misca? Dal resultou o gato passar a ser um bibelot: ou em cima dos móveis, ou ao colo da dona, ou ainda a regar as flores que temos na varanda!

Mas vamos lá ao remédio que há de exterminar os ratos:

Com um pulverizador ou uma mangueira de rega, enfia-se uma batelada de amoniaco pelos buracos dos ratos, isto é, por onde os ratos se metem. Estes, coitados, ficam à broche, com a vista suja, e começam às marradas pelas paredes. Dal a apanharem uma pneumonia cerebral, vai a distância de um electron (hein, que chique!...)

E é um ar que lhes dá, que é uma coisa muito parecida com uma apoplexia recalcificante do ôsso cardíaco.

E mais não disse.

BISNAU.

A PÊRA

Trataremos da pêra, que é um fruto saboroso e ao qual a maior parte das pessoas chama fruta. Nasce dum arvorezinha que dá pelo nome de pereira.

No entanto, bom será que fiquem desde já cientes, que há pereiras que jamais dão pêras. E para que não julguem que sou um dos muitos aldrabões que vegetam pelo globo terráqueo, cito-lhes o sr. Carlos Pereira, que em vez de pêras produz uma agüinha bacilosa, verdadeiro passa-porte para o país dos anjinhos.

Mas, deixemos isto, e adiante.

Há na nossa flora três espécies principais de pêras: «pêra própria dita», «pêra-trolha» e «pêra-apêndice».

Digamos algumas palavras sobre cada uma destas castas perfícas.

A «pêra própria dita» é um fruto de forma triângulo-cônica (isto é que é falar bem!) possuindo numa das extremidades uma pequena haste que serve para a ligar à planta mãe, isto é: uma espécie de cordão umbilical. Esta qualidade de pêra é comestível; de-certo, não há nenhum dos que me ouvem, que não tenha já comido a sua pêra.

A «pêra-trolha» é muito vulgar no nosso país. Come-se, também, em geral, em questiúnculas momentâneas, e, caso curioso, foge à regra geral: quem a dá gosta, e quem a come não gosta.

Coisas desta vida de paradoxos.

Contra, também o que é natural, não é aconselhável a abundância desta espécie de pêra. Com certeza, nenhum dos estimados alunos meus, gostará de ouvir afirmar: vai haver muita pêra!

Fazem bem, eu também não gosto.

Esta pêra, por popular que é, conhecida é também por tabefe, mozza, porrada, etc.

Os nomes são diferentes, mas no fundo é tudo... pêra.

A «pêra-apêndice» é a única espécie dêste fruto, que não é comestível.

Nasce esta pêra nos queixos de certos indivíduos, e para nada serve a não ser para «disfarçar».

Algumas, tornaram-se célebres.

Pouco mais há que dizer, a não ser que a pêra é irmã gémea de um outro fruto — o pêro.

LÉRIAS.

◆◆◆

DESCANSO SEMANAL

Retalhos... quási de graça

Vamos fugir hoje ao *Pérola Verde*. Não é por medo; é por comodidade de V. Ex.^{as}. Não há o direito de servir sempre o mesmo prato, embora a comensal seja de estalo, não acham?

Entram hoje na baila os grandes diários portugueses.

Começamos pelo nosso *Janeiro*. Aí vai um ramo de flores:

11-2-1933

Dia espiritualmente fúlgido o de hoje, em cujo doce dealbar de esperanças se vislumbra, nitidamente, um futuro radioso. E' que no florido tempe da sua ditosa existência, colhe mais uma resplandecente primavera — a 41.^a — o meu estre-mecido marido José Júlio da Silva Melo. Por tão jubilosa data, augurando que ela se repita por dilatados anos, desfolha as pétalas de efusivos parabens, a sua devotada esposa

GERVIDE (Gaia)

MADALENA

Com certeza, ao ler isto, o estre-mecido marido da Dona Madalena, estremeceu de gôzo, *intentemente*. Só nos falta saber onde é que o sr. Melo terá o *tempe* da sua ditosa existência. Talvez seja nos dilatados anos. Ora, porque será que da Madalena, de Gaia, não nos há de vir coisa alguma que geito tenha!

Agora, um outro anúncio, também do *Janeiro*, que não tem pés nem cabeça, mas que pode ser percebido por alguém que seja dado a ciências ocultas.

Oferece

Só a uma pessoa honesta, de qualquer ponto do paiz, embebida no ideal de ser útil, filosoficamente, possuindo alguns conhecimentos e fortaleza moral, que se disponha a cooperar fortemente com outrem nesse ideal aproveitando-se das circunstancias favoráveis que felizmente há, são oferecidas vantagens.

Sendo do sexo feminino as vantagens podem chegar até os meios de subsistência vitalicia, bem garantidos.

Informa a «Economia Nacional» — R. Ferreira Borges, 165-2. — Lisboa.

Palavra de honra, que não percebe-mos patavina.

Para que será necessário que a criação esteja *embebida no ideal de ser útil*? Será para que o seu dinheirinho possa arder melhor?

De tudo isto, o que se percebe claramente é que se o pretendente fôr do sexo feminino as vantagens podem chegar até aos meios...

Outro anúncio do mesmo diário que parece mesmo dirigido

Aos cinéfilos

Quartos

alugam-se dois quartos cada um com duas camas, em casa respeitavel. Para um preferia dois rapazinhas para comer e serem tratados como familia, com preços baratos. Rua do Bomjardim, 181-3.^o.

Mas o que não diz o anúncio, é quem iria habitar o outro quarto.

Tem a palavra agora o conspícuo *Diário de Notícias*. E' um anúncio pequenino, daqueles muitos que a sua quinta página costuma trazer.

Senhoras

PRECISAM-SE com boa apresentação, para organização de grupos de variedades. Das 17 às 19 na rua do Salitre, 104, 1.^o.

Está tudo dito e já se sabe porque é tão variável a alma feminina.

Outro, que deve encobrir, pela certa, um segundo sentido.

Motivo forte



— Vou requerer o divórcio.
— Porquê?
— Porque meu marido é tão meu amigo que me faz essa vontade.

Casamento

CAVALHEIRO de 29 anos, educado e com fortuna, tendo chegado do estrangeiro. Deseja realiza-lo com menina ou senhora até 28 anos e meios. Resposta á rua dos Retroseiros, 147, J. B.

Esta palavra *meios*, a que se referirá? Aos anos? A' fortuna? Ou a outra coisa qualquer? Não se sabe, nem o cavalheiro de fortuna o dá a entender. Julgamos, porém, que ele preferirá todos os meios.

E para finalizar, vamos transcrever dois períodos de um artigo de fundo do *Comércio do Pôrto*, firmado pelas iniciais B. C.

Desequilíbrio

Entre as numerosas questões que neste momento estão sendo debatidas, no empenho de alcançar a paz e o bem-estar dos povos, destaca-se a que diz respeito ao equilibrio da população, em toda a Terra.

Houve um aumento brusco da população, na Europa, aumento causado, não tanto pela melhoria das condições da vida, como pelo enorme desenvolvimento da industria e pela exploração das minas de carvão.

E' claro que tudo isto se resume em duas palavras: quem são os causadores do aumento da população? Nada mais, nada menos do que as minas de carvão.

E deve ter razão o distinto articulista. Doutra forma, como seria possível que andassem tantos pretos nessas ruas?

Não resta dúvida que são as minas de carvão, as culpadas deste aumento constante de gente por êsse mundo fora. E bom seria que o senhor Governador Civil mandasse ver se nas minas de S. Pedro da Cova, em vez de briquetes se fabricam meninos de ambos os sexos, ou se fazem meninos de briquetes.

Porque realmente deve ser assim! Há por aí tanto menino com o cérebro *de pedra*, e muitíssima menina com almas *de chauffage*.

E agora até as doenças são outras. Antigamente, uma espinha grande era um antraz; agora, não, agora é *antraz-cite*. Noutros tempos ainda se encontrava entre os diversos carvões algum que ardia. Agora não; agora só há o Cardiff Pires.

Fêz muitíssimo bem o distinto economista do *Comércio do Pôrto*, em trazer esta questão à baila. Já que do carvão depende, é preciso pôr-lhe *sobro!* ou pelo menos *carqueija*.

Quem é o teu inimigo?...

ANTES de começar, e com a franqueza que caracteriza todos os directores deste grande semanário arrotativo, devemos declarar, uma vez por todas, e todas por uma vez, hoje como ontem, amanhã como hoje e assim sucessivamente, que, além de não termos compromissos partidários, também não temos compartilhações de espécie alguma. Estamos filiados simplesmente entre a 3.ª Internacional e a 4.ª esquadra. Foi tudo quanto se pôde arranjar.

Este arazoado de cima vem a propósito, não acham? E' que é absolutamente necessário definir atitudes, e evitar que alguma vez, alguém nos possa acusar de desordeiros ou menos cumpridores do bom senso e isso não queremos.

Viva a MARIA RITA! Viva a Liberdade!

Tudo isto, repetimos, leva rótulo. E' assim mesmo, rótulo. Já por vezes, quando damos guarida nestas páginas a notícias da terra nossa filha, temos sido epitetados de jacobinos.

Jacobinos nós — deixem-nos rir — que nascemos mais amantes do próximo que a nós mesmos! Ah! Ah! Ah!...

E agora que nos rimos, perguntamos: que culpa temos nós que todas as notícias que nos chegam do Brasil, venham de Mato Grosso?

Que nos mandem as da Carolina do Norte, e nós as saborearemos gulosamente, ora essa!...

Mas quem se queixa, às vezes, não tem razão. Coitados dos brasileiros, tão puritanos e mestres na língua portuguesa! Nós é que somos difamadores. Nós é que inventamos e invertemos tudo! Nós é que somos maldosos e indecentes!

Pois claro!

Mas para melhor compreensão da nossa maldade, damos em seguida, aí mesmo, no meio destas páginas a cópia textual de um anúncio do *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro, do dia 16 de Dezembro p. p.

Ele aí está na língua própria e com o chamadoiro apropriado. Também leva a vera effigie dos frequentadores lá da casa.



NAS

Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

SAPECA FIRME, MACACADA!

Virgulina, o teu pisso tem macumba

Terminando o farrancho, a tropa aliada ao querido POVO CARIOCA, fará uma bruta demonstração de sympathia à sempre victoriosa

Casa Mathias

E, enquanto isto, quem não dança péga na creança.



POVO AMIGO, TUDO AQUI É NOVO E CHIC

continua a «sapecação» para perfumar o ambiente com este cheirinho, «cabritoso». E' proibido fungar. VÃO PASSAR AS PASTORINHAS:

— O' Senhor dono da casa
Eis o grupo do garraão...
Vamos tomar uma «braza»...
— Commigo, não, viofão.

Quá! Quá! Quá! Quá! Quá!... A vida é mesmo boa!... Que pagode! Que farra! Que gostosura!... VIRGULINA, MINHA NEGA, ENCOSTA BEM O CRANEO NA «CAIXA DOS PENSAMENTOS» DO MATHIAS.

— Vamos ver, «seu» Pamphago; cuidado com as exuberancia de sua dama que já roçaram o cotovello. Abram uma brécha, que quero cair no «parafuso» com a Virgulina. Assim. Ha logar para todos. E' talqualmente a

Casa Mathias

Onde cabe todo o mundo. A questão é entrar em ordem. Afobação nunca deu resultado. «Piano, piano, se vá lontano», como disse o poeta. Ou, como se diz aqui na zona: «De vagar se vae ao longe». E' por isso que a

Casa Mathias

Vai caminhando em passo firme: um, dous, um dous. Com o generalissimo do commercio carioca, o velho MATHIAS de guerra, ninguém troca pernas, nem mette

Isto que aí fica é mesmo lá com eles. Agora, querem ver o que é com-nosco?! Como eles nos tratam e como dizem que falamos?

Ora aí teem um recorte, também de um jornal humorístico brasileiro *A Manhã*. Este recorte faz parte de uma página semanal do mesmo jornal, exclusivamente dedicada a meter a ridículo os portugueses que lá estão.

Anniversario d'El-Rey Dom Duarte II

A festa da Liga

Da Liga Munarchica don Manueli II, que, em assumvléa gerali, rucunheceu us diraitos de don Duarte Nuno á successão de don Manueli II, arrucevemos u suguinte cummunicado:

«Prumette ribestr-se d'inbulgare vrilhantismo a festa cum qu'esta suciadade bae cummemoraire, nu dia 24 du corrente u anniversario bitalicio d'El-Rei don Duarte II.

Us munarchicos portuguezs dumcilhadados nu Riu de Junairo bāon teire upportunidade d'humenageaire pla primeira beiz u principe que rucunheceram como rei e nada mais é pruciso pra que á séde da liga corra tudo canto de mais distincto e sulétro conta a Culónia Portugueza desta quepitale, nu afan d'hypruthecaire a sua suladaria-dade á Causa da Tredicção, rupresentada pur sua mejestade.

A sussão sulénnica, que será prusidida pur p'ssôa de grande dustaque nu malo portuguez, cumeçará dis binte e uma e maia horas (nôbe e maia pla funética), rumpendo u Hymno da Ristauração pla Tuna da Liga, sovre a vatuta du havil maestro lusitano Malhairos.

U caractere officiale da vrilhante sustividade será u dotoire Vurnardino Vra-vôsa, inlustre inginheiro e professoire portuguez.

Dispois turemos uma incantadoira parte ertística cum u cuncurso da Tuna da Liga e du Corpo Urphionico du «Urphião Portugali», que pur ruquentada gentileza açaitou u cunbite que lh'u foi dirigido p'ra avrilhantaire a fustinha.

Finda a parte ertística, a directuria da Liga uffreçrá um «Porto d'honra» aus seus cunbidados, cumeçando, antōon ais cantos «Serapico» e da «Queenha Berde».

U trajo será completo: — vurzequins, calças de b'ludo, cullerinho e jaquetōon á moda.

Rapuvlicanos e jacuvinos serāon varrados á entrada».

E, quer dizer esta inserção, que nos importemos com esta chuchadeira à forma de falar de alguns nossos irmãos? De forma alguma, porque há realmente quem caia no ridículo desta forma.

O que quer dizer, é que estamos no nosso pleníssimo direito de ridicularizar também quem peca e é susceptível disso.

Quer dizer também, que quem não gosta dos nossos bocadinhos de brasileiro, que tenha paciência e mande comprar *A Manhã*.

Cá por casa, felizmente por enquanto ainda há

Arte e MANHA.

MARIA RITA é o jornal humorístico
: : : : de maior expansão : : : :

os pés pelas mãos. E' tudo na exacta. E quem não gostar faz meio dia. Que culpa tem a invencível

Casa Mathias

da preferencia, sempre crescente, que lhe dá o bom POVO? Mas, modéstia á parte, é ali que elle encontra tudo que deseja por preços nunca d'antes alcançados. E' uma verdadeira mina. O stock do MATHIAS é um caso sério. Olhem, só, neste periodo de festas e pastorinhas, o que se encontra na

Casa Mathias

Um sortimento cotuba de artigos para Natal!

VOILES E LINHOS EM TODAS AS CORES
PALHA DE SEDA E SEDA LAVAVEL

PARA OS RANCHOS E THEATROS FAZEMOS PREÇOS ESPECIAES

Só? Qual nada. Olhem para o que se segue:

Secção completa de artigos de camisaria e perfumarias. O famoso collarinho «Copacabana». Roupas de cama e mesa e tapeçarias. Colossal secção de linhos e artigos para bordar. Costumes para homens e rapazes.

101—AVENIDA PASSOS—103

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 42 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 146

N.º 156

Na Praça do Anjo. Diálogo entre um soldado de cavalaria e uma sopeira.
— Adeus Jerónimo! Não há quem te veja...
— E' boa! Pois olha que eu passo todos os dias na tua rua às dez horas.
— Sim?! Nunca dei por isso...
— E' verdade. Quando ouvires patadas de cavalo, chega à janela, porque sou eu.

Remetente: Reirobi.

N.º 157

Dois jornalistas discutem acaloradamente a propósito de determinada notícia.
A certa altura, e para terminar a questão, diz um deles:
— Sabe que mais? Eu não discuto com burros. O outro, colérico, e querendo retribuir na mesma moeda, retruca:
— Quem discute com burros é você!

Remetente: Tripeiro (de gema).

N.º 158

O grande *Pêrola Verde*, escritor de m.º...ito e crítico de gralhas, estava, certo dia, em um hotel, e sentiu uma súbita necessidade, muito natural, de se isolar por um momento.

Dirigiu-se para os gabinetes especiais, e, não encontrando lugar desocupado do lado dos *Homens*, deslizou para o compartimento vizinho, e entrou numa cabine que ostentava o letreiro *Senhoras*.

Nessa mesma ocasião, uma simpática senhora ia para entrar e, ao ver um representante do sexo barbado adiantar-se a tomar-lhe a vez, começou a bater na porta, furiosamente. *Pêrola Verde*, um pouco contrariado, entreabriu a porta e deitou o respeitável nariz de fora, como quem interroga o que é que há.

— O senhor não é mulher! — gritou a senhora, indignada por aquela invasão inoportuna.

— Não? — replicou *Pêrola Verde*. Espere um pouco... vou ver se a senhora tem razão.

E sem dizer água vai, fechou-lhe a porta na cara.

Remetente: Horácio Ferreira.

N.º 159

Um senhor levava o seu preto para vender e dizia:

Quem compra este negro
Que não bebe vinho
Nem prova toucinho
Nem toma aguardente.
Dizia o preto;
Jesus! Como mente!

Remetente: O artilheiro de 1836.

N.º 160

O Santos, desde há muito que mantinha relações amorosas com a esposa do Dr. Rocha.

Tudo, porém, corria às mil maravilhas, até que numa tarde em que ambos se encontravam mergulhados nas regiões etereas, o Dr. Rocha bateu à porta.

Grande atrapalhão e o amigo Santos é fechado à chave no guarda-fato, até nova ordem.

O Dr. Rocha, nada vendo, tranquiliza-se. Mas — ó fatalidade — declara-se, no prédio, um violento incêndio.

Quando o edifício era já um verdadeiro brasão, ouviu-se então uma voz sumida que implorava:

— Salvem os móveis! Salvem os móveis!

Remetente: Lérias.

N.º 161

No átrio duma escola, diz o contínuo para um aluno:

— Você copiou o horário com consciência?
— Não senhor, copiei com a mão direita e com o lápis.

Remetente: Anto Machado.

N.º 162

Juíz — A verdade é que o réu bateu na vitima antes de entrar em casa para a roubar?

Réu — Sim, senhor Juíz. A delicadeza manda bater antes de entrar.

Remetente: Sesenem Miopla.

N.º 163

Um indivíduo entra num eléctrico, senta-se, e começa a cuspir no chão.

Um passageiro adverte-o:
— O cavalheiro não sabe que é proibido aos passageiros cuspirem no chão?

— Sei, sim senhor. Mas eu não sou passageiro, sou empregado da companhia.

Remetente: Rei dos Nabos.

N.º 164

Certo homem tendo um filho para baptizar, apresentou-se no Registo Civil, onde o encarregado lhe perguntou:

— A criança é do sexo feminino ou masculino?

— Cal formino nem marcolino! Há de ser Julião, que era o nome do avô! — respondeu êle.

Remetente: Luciano da Rocha.

N.º 165

A' mesa num dia de anos. Um convidado quebra um copo. Um menino da casa, que não sabe estar calado, exclama:

— Olhe, mamã... E foi exactamente um dos copos que a vizinha nos emprestou!

Remetente: Rei dos Borlistas.

N.º 166

Um rapaz de 18 anos, dirigiu-se a um médico veterinário para o consultar a respeito de uma doença que com êle trazia.

Depois de várias tentativas, talvez porque não se explicasse, o médico disse-lhe:

— Sim... mas eu aqui só consulto para tratar de animais.

O rapaz baixando os olhos:

— Talvez seja por isso que eu cá venho, senhor Doutor.

Remetente: Amarantino.

N.º 167

Na Praça, o garoto dos jornais.
— Olha o Comércio, Janciro e o Notícias...

— Dá cá o Notícias, ó rapaz — diz-lhe um provinciano. Quanto custa?

— Cinco tostões.
— Cinco tostões?! Mas aqui só marca trinta centavos.

— Eh! Vocemecê também ainda é dos que acredita no Notícias?

Remetente: Jota a Jota.

N.º 168

A tia, velha, feia e desdentada para o sobrinho:

— Vá, dá um beijinho à tua tia que eu dou-te dez tostões.

O sobrinho, arregalando o olho com a ponta dum dedo:

— Estás a ler velhota! A mamã, ainda esta manhã teve de me dar cinco escudos para eu tomar uma purga...

Remetente: Chico Gordo.

N.º 169

Um campónio foi levar uma carta a um amigo do seu patrão, o qual encontrou à porta de casa.

Depois de ter lido a carta, diz êste para o campónio:

— Entra, Manuel, e espera na cozinha que eu escreva a resposta.

O homem, envergonhado, não se resolveia.

— Entra, homem — torna o sujeito.

O campónio dava voltas ao chapéu, mas nada de entrar.

Afinal o dono da casa, já impaciente, gritou-lhe:

— Entra, burro!

— Então, com sua licença — diz o homenzinho, enfiando, todo encolhido, pela porta dentro.

Remetente: Zé Barão.

N.º 170

— O' mamã, má?!

— Que queres, meu filho?

— A criada onde foi?

— Foi à palha, porquê?

— E' que eu estou ansioso que ela venha, porque tenho vontade de comer.

Remetente: Francisco Rodrigues.

NOTA — Previnem-se os colaboradores desta secção que, de futuro, não serão aceites originaes escritos de ambos os lados do papel, nem que ocupem mais de 8 linhas.

Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11 — PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Tem grassado em Lisboa, com bastante intensidade uma epidemia de gripe. É uma estopada. Grassar é, como sabes, o verbo padrão, o verbo clássico para duas coisas: — incêndios e epidemias. Um incêndio, — grassa. Uma epidemia, — grassa. Como são duas coisas que não tem graça nenhuma, fica-lhes a matar a eufonia. E o pior é que, com as reformas sucessivas da ortografia, já não é possível dizer que duas palavras se não confundem, lá porque uma tem o cedilhado e a outra vive de casa e pucarinho com dois ss. Cá por mim, paguei o meu tributo. Três dias de cama com uma febre muito alta — tão alta, que nem apetecia a gente estar na cama com ela... — dez dias com tosse, xaropes, e semsaboria, e depois, esta estupidez que a gente sente, cá dentro, e que tem voz, sem que muita gente chegue a ter pena de nós.

Se esta carta te parecer demasiado chocha, — já sabes. São restos da gripe.

Acho simplesmente idiota a lei — ou coisa que o valha — que faz com que uma pessoa aos 70 anos tenha de ser velho à fina força.

Bem está para os funcionários, para os militares, para aqueles que exercem um função à qual seja necessária uma energia X, que se marque um limite de idade.

Mas para os artistas!

Agora, é Carlos Reis que passa a não poder ensinar pintura na Escola de Belas Artes.

Eu quero crer que o glorioso artista, no fundo, até sinta um certo contentamento em ver-se liberto das maçadas do ensino. Não impede isso, porém, que seja disparatada uma lei segundo a qual Carlos Reis não pode ensinar pintura. Lei que, por uma curiosa coincidência, o atinge no momento em que, à frente do Grupo Silva Porto, nos salões das Belas Artes, em cinco telas imortais, ele dá, a todos os artistas de Portugal, uma soberba e luminosa lição.

Eu ainda sou muito suficientemente novo para ser partidário dos novos. Simplesmente, — um novo que tem 70 anos é duas vezes novo, e merece-me portanto uma dupla solidariedade...

O general Vicente de Freitas publicou um manifesto que tem sido muito comentado, mesmo por todos aqueles que não o perceberam. Achei muito divertido ver a sinceridade com que S. Ex.^a diz que o problema que está neste momento pôsto acima de todos é o da Constituição. A verdade é que ninguém se importa para nada com nenhuma constituição, excepção feita da própria... Sim. Lá no corpinho, todos nós queremos ter «uma boa constituição».

Na exposição do general Vicente de Freitas havia um relatório muito comprido e um projecto de constituição muito pequenino, mas prometedor... Projectavam-se nêle duas Câmaras; — uma, era a Câmara Política; outra, a Câmara Corporativa.

É fácil fazer o retrato de ambas, mesmo sem câmara escura... A primeira, a verdadeira, a mais catita, era uma reedição do nosso velho Parlamento: — Câmara de Lóbos...

A segunda, era uma espécie de fuma doutrinária e sonolenta, onde iriam parar, novos Pais da Pátria (tão feliz desde que se viu órfão...) todos os Pais Paulinos que não tiveram olho: — Câmara Pestana...

Enfim, MARIA RITA, quando a gente lê o manifesto do general Vicente de Freitas, apetece mesmo receitar Veronal ao diabo: — porque é manifesto que não tem sono...

É das coisas divertidas que pode haver cocar o fôgo, o entusiasmo, o delírio com que neste

momento certos cavalheiros discutem a política internacional.

Os conservadores cascama na China com a mesma ênfase libidínosa com que os revirralhistas põem o Japão a japão e laranja. Os lombos do Hitler teem levado tantas quantas pétalas de rosa teem caído, aplauditivas e delico-doces, sobre o colo esquerdistista do sr. Daladier. Azaña é um Deus, a cuja vera efigie se reza. Enfim. Nunca Briand sonhou com tamanha cordealidade internacional. Hei-de escrever um tratado denominado: — da influência da rôlha na abolição das fronteiras...

E já tenho muito material arquivado!

Não sei se já te disse uma quadra espanhola, que eu acho genial, e que apareceu escrita a mim na porta de uma prisão de Madrid. Se já ta disse, cita-a fora. Se não, — guarda-a.

Vale um poema.

Olha:

Aqui, por justa sentença
está un principiante
— que no robó lo bastante
para probar su inocencia...

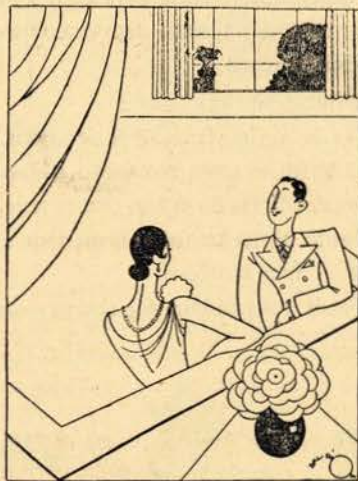
Acredita que tenho muita pena de não a ter escrito, — a admitir que um poeta podia arrancá-la do cérebro sem ter de a arrancar simultaneamente à sua biografia...

Mil saudades do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.



Frivolidade



— Sabe? Acho-a hoje tão encantadora que nem atino com a forma de me declálar...

— Tem graça!... Eu supunha-o mais corajoso, pela maneira como entrou a porta.

Décimas... dentro do praso

Fenómenos teratológicos

Li, na passada semana,
Que uma cadela, em seu ninho,
Deu à luz um cachorrinho
Que tinha cabeça humana.
Noutro sítio, uma fulana,
Por certas manhas travessas
(Ou o mundo anda às avessas),
Fazendo grande restólho,
Pôs cá p'ra fora um pimpólho
Mostrando duas cabeças.

Mas isto, que não me espanta,
Das compensações é lei,
Como aqui demonstrarei,
Sem vaidades de... garganta,
A verdade aqui se implanta,
A verdade aqui se arruma:
— Há p'ra aí tipos, em suma,
Que, julgando-se um portento,
Teem cabeça de jumento
E outros não teem nenhuma!

BISNAU.

A Estante da MARIA RITA

A DESORIENTADA. Romance, por Aurora Jardim Aranha.

É natural que, perante um caso destes, tão invulgar na nossa terra, a MARIA RITA esconda por uns momentos o galhofeiro ar da sua graça, e fale um pouco a sério.

Dissemos invulgar e repetimos. É que em Portugal, êsse jardim de flores à beira-mar plantado, raras vezes se dão plantas esquisitas. E quando adrega de aparecer a raridade, só com o mimoso cuidado da estufa se vinga dos horrores do inverno, ou dos escaldantes dias de calor.

Também no xadrez da nossa literatura, medram profusamente as poetisas, bellissimas plantas vulgares que a todo o tempo crescem, vicejam e florescem. Mas rara, rarissima, exótica mesmo, a mancha feminina de uma prosadora, voejando além dos contos para os nossos filhos ou dos outros.

É por isso que o nome que firma a *Desorientada* é por nós hoje saúdado respeitosa e seriamente.

Desorientada, não; bellissamente orientada andou a autora no amanho do seu livro.

Não é hábito da MARIA RITA descrever almas, porque a alma, no fundo, é a única coisa que não tem ridículo; se não, diria que as almas de Mari-Saúde e Rafaela, desencontradas por principios de educação e falta de lareira, são no fundo almas de mulheres portuguesas.

Limitamo-nos por isso a aconselhar às boas damas da nossa terra que deixem ler às suas filhas a *Desorientada*, se querem orientá-las na vida. Leitura sã, educativa e terna.

Prosa cuidada, fácil e maleável.

Obrigado, minha senhora, pelas reconfortantes alusões à nossa mocidade humorística.

J. d'A.

A POBRE TISICA

Os bacilos protestam — Tragédia íntima num sacco

Ali para as bandas de Penafiel, terra onde se albardam tôdas as magnas bestas, um grande caso *assucedeu*, porventura *órrivel* crime...

Em uma freguesia morreu uma mulher tuberculosa, e o médico, atacado de *cristianismo*... de Moraes, resolveu tomar medidas profiláticas, não fôsse o mal da tísica, assim como qualquer varíola barata, alastrar pelo concelho. Com os olhos postos no símbolo do concelho (uma albarda de prata em campo amarelo-palha) deu êste formidável conselho:

E' preciso destruir tudo, quanto pertence à doente! Tudo, completamente tudo...

Ouvindo isto, o marido que, com muita razão, se julgou pertença da defunta, com medo da profilaxia, meteu uma bala na cabeça.

Tomado à letra o conselho do médico, juntou-se a roupa da defunta para um cêsto e mandou-se enterrar tudo no quintal numa cova de 2 metros de profundidade e por causa das dúvidas enterraram também a moça que conduzira o cêsto...

Nesta altura, os bacilos de Paulo de Koch de Penafiel reuniram-se em assembleia geral, para protestarem enèrgicamente contra as medidas do médico, que assim os reduzia à negra miséria, cortando-lhes os víveres. Entretanto, o

médico, cofiando o bigode, única cofiança que tinha lá na terra, continuava na devastação profilática.

E tendo descoberto que o cão e o gato da senhora Aninhas, a defunta, tinham comido os restos dos pratos da doente, batendo no crânio, onde há muito se rarefaz o ar, decretou com força de lei que fôsem mortos o *Tejo* e o *Guadiana*, que assim se chamavam os dois bichos, que, como autênticos rios corriam pela casa, desaguando cada um onde lhes desse na vontade, com o manifesto desgurado da patroa...

Metidos num sacco de linhagem, bem apertado com grosso fio, foram os dois miseráveis postos em cima de um muro, enquanto o galeno, de cabeça pendente, pensava na maneira mais profilática de os matar.

Deitá-los ao rio, era inquinar as águas... Foi então decretado o fusilamento.

Chamado o melhor atirador da terra, por especial deferência para com o médico, uma espingarda deu cinco tiros aos dois animais.

O momento era solene.

Havia lágrimas nos olhos de alguns...

O médico tirou o chapéu e disse: são duas vítimas do dever. O meu colega Carteadado Mena também ficou sem um dêdo... Isto acontece.

Finda a cerimónia, foi aberto o sacco

para dar ordem de despejo aos dois cadáveres.

Enquanto o cadáver do cão, completamente morto, caía no chão, inopinadamente, o mestre gato, dando um pulo formidável, pôs-se a cavar...

Fôra o caso que, o gato cedera com a maior delicadeza o lugar da frente ao cão, que apanhou os 5 tiros em cheio. Moralidade: não há nenhuma asneira que não dê gato.



Pensamentos médicos

A campanha Pereira da Rosa é simplesmente miserável!

Então, se eu um dia der bota numa operação eu não devo evitar à *outrance* que o meu doente, meu e muito meu, só meu, vá parar às mãos do Alberto Saavedra ou do Aloísio Coelho?

Dr. M. F.

Tem razão o colega.

Errare cristiano est.

Dr. C. de M.

Isso de camaradagem entre médicos é muito bonito, mas eu vim aqui parar por causa disso mesmo.

Um habitante do Cemitério de Agramonte.

BARROS



VINHOS DO PORTO
DE
QUALIDADE SUPERIOR

Quem é?

Digam quem é, sem favor
O talento genial
De escritora um primor
Nas letras de Portugal.

Uma Aranha tece tece
Coisas lindas e mimosas,
Ser caçado me apetece
Na teia das suas prosas.

Rompe a Aurora: no cantinho
Do Jardim, nos roseirais,
Trinam aves de mansinho
Cantam lindos madrigais.

Delfim de FREITAS.

Anexim

Diz a Patroa à criada
Antes desta se deitar
Amanhã de madrugada
Tens de ir p'ra o rio lavar.

Tenho medo diz então
De ir lavar de madrugada
Diz-lhe a Patroa zangada
.....?

Fantasma NEGRO.

Decifração do número anterior — Quem é?
A menina húmida; Anexim «Enquanto há vida há esperança».

Matadores: Zé Barão, Reirobi.

As soluções desta secção tem de dar entrada na nossa redacção até às dezoito horas de terça-feira seguinte.

ANUNCIOS da MARIA RITA

ACHADO — Achou-se um anel de platina em formato de Serpente, com um brilhante na cabeça. Como não tem outros sinais particulares, entrega-se nesta redacção a quem provar pertencer-lhe.

OFERECE-SE — Criada recém-chegada da província. Sabe fazer as camas, fazer despejos e pastéis de bacalhau. Também sabe limpar metais, mas só usa Pomada Amor.

CAVALHEIRO — Novo, bem-parecido e delicado, pede a Senhora idosa um empréstimo de quinhentos contos, sobre primeira hipoteca de os seus bens de raiz. Não se importa de ir para fora.

Vida de cão

A' porta duma confeitaria *chic* pára uma *limousine*. O ajudante do *chauffeur*, luxuosamente fardado, abre a portinhola. Um perfume penetrante. Atrás do perfume sai uma linda mulher. No seu regaço, aconchegado com as mãos finamente enluvadas de encontro aos abafos caros que a cobrem, um cachorro.

E' a hora do chá, hora frívola de encontros galantes, de pequenas pre-ver-sidades elegantes.

A mulher linda senta-se na sua mesa. Enfraquece com água a sua chicara, tonalizando de loiro claro, a côr arruivada do chá forte que lhe servem. No *fauteuil* ao lado, o «lulu» estende o focinho preto, pintazita de oleado húmido na bolita de pêlo bem penteado.

Um a um, vão passando à sua bôca gulosa os bolos do prato.

Cá fora, através do vidro duma montra, um miserável andrajoso que, de graça, serve aos seus olhos êsse banquete, comenta com filosofia:

— Quem me dera passar vida de cão!...

Não ter onde cair morto

Dormiam quatro ou cinco ali na-quele buraco. Não era positivamente um albergue cómodo. A verdade é que nunca lhe pediram o dinheiro do aluguer, nem a exigência de mobília se tinha feito nunca sentir.

Passava-se ali bem a vida, no verão. Não havia janelas para abrir, mas a entrada do buraco, porta caprichosa que parecia talhada em ogiva, conservava-se higiénicamente aberta.

De inverno era o diabo. Havia um bocado de frio. E como no inverno era o diabo e o Tonho já tinha mais de oitenta janeiros, a tantos resistiu que um dia dêstes lá ficou no buraco, sem poder levantar-se mais. Foram lá buscá-lo; na *morgue* deram-lhe uma cama de madeira pintada de fresco e meteram-no para outro buraco menos arejado, onde se podia dizer que ficava a dormir o sono eterno, se daqui a cinco anos lhe não fôssem chocalhar os ossos para dar a outro inquilino.

Quando o estavam a levantar do sítio onde morreu, um dos seus companheiros de quarto, homem que há muitos anos ouve dizeres do povo, comentou:

— E dizem que nós não temos onde cair mortos!

Para baixo todos os santos ajudam

O Lucas — quem não conhece o meu amigo Lucas — não é um homem que se embebede por costume.

Mas embebeda-se sempre que tem uma satisfação. E uma satisfação para o Lucas é receber o salário ao sábado. Como não ingressou ainda no exército dos desempregados, o Lucas todos os sábados recebe salário. Cada sábado, cada taxada, não contando com o dia de Natal, o domingo de Páscoa, o 5 de Outubro e o 31 de Janeiro, porque o Lucas é republicano desde criança e tradicionalista desde o ventre da mãe.

No último sábado, o Lucas, quando voltava no seu estado normal para casa, um pouco fraco das pernas e pesado da cabeça, adregou de cair pelas escadas das Almas abaixo, até à rua Firmeza. A descida foi vertiginosa. Ao chegar cá abaixo, alguém o ajudou a levantar, com a natural dificuldade e observando, a rir:

— Bem se diz que para baixo, todos os santos ajudam...

Ao que o nosso Lucas, a quem a queda tinha evaporado muito álcool e sentia o corpo num feixe, respondeu:

— Pois sim; mas escusavam de empurrar todos ao mesmo tempo...

Ruy de ORTEGA.



A BIBLIOTECA DAS FAMILIAS

E' uma colecção primorosa de romances que a grande casa editora de

A. FIGUEIRINHAS, Limitada

lançou no mercado propositadamente para leitura feminina.

Emoção — Interêsse — Pureza

Peçam o extracto do catálogo

Rua das Oliveiras, 87 — PORTO

Para Pintar aredes Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos



CLASSIFICAÇÃO GERAL

- Concorrente votado três vezes ao **Quadro negro**:
Adriano X. Nel.
- Concorrentes votados uma vez ao **Quadro negro**:
Amaral, Elmano Otrebla, Ardotos, Cagancho, Biturino, Olegna e Zefiro.
- Concorrentes com cinco votos de louvor:
Lizé, Zé da Sé, Adriano X. Nel e Sepol.
- Concorrentes já com direito ao segundo prémio (4 votos de louvor):
Olegna e Amaral.
- Concorrentes já com direito ao terceiro prémio (3 votos de louvor):
Tito, Alfredo Cunha e Tripeiro (de gema).
- Concorrentes com dois votos de louvor:
Luigi Morelli, Ardotos, João da Sé, Horrivel, Saramago, Tónio, Zé Barão Octávia Maria, Narigudo, Henrique Cardoso, Lérias e Delfim de Freitas.
- Concorrentes com um voto de louvor:
Asódias, O., Orno, J. A. Costa, Amarantino, Tripeiro, Dr. Crasto, Chichisbéu, Kammon, Mamede, Cagancho, Pierrot, Zé Norte, Alvecos, Quim Mesquita, Julfer, Rei dos Nabos e Sesenem Miopla.

Para o último mote do nosso concurso de glosas

*Se não viu o Burrié
Agarre-se ao «Pirilau».*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

Não tenho crença, nem fé,
De ir parar ao Quadro Negro.
Vejo o mote e não me alegro:
— *Se não viu o Burrié...*
(Que maçada que isto é:
Arranjar rimas em «au»
— Mau, bacalhau, carapau...
Em «egro», em «e», em «ais»...
Director, sabe que mais?...
— *Agarre-se ao Pirilau!*

Dr. C.

*Se não viu o Burrié,
Não viu a Beatriz Costa...
Já não sabe do que gosta
Porque conhece quem é!
— E' consigo, seu Lizé. —
Se você não é de pau
Se sabe o que não mau
E já viu a Beatriz,
Faça aquilo que eu já fiz:
*Agarre-se ao Pirilau!**

(Lisboa).

Dr. Casto.

P'ra *entornar* só de pé
Mas p'ra jantar ponho óculos.
Se não viu o burrié
Nem vá beber água-pé
Beba só de bacalhau,
A que o gato faz miau
Do que só gosta a Laurinha...
S'encontrar alguma espinha,
Agarre-se ao Pirilau.

A.

O' filho não ando a pé
Nem mesmo quando vou só
... Venha cá p'ró meu pópo
Se não viu o Burrié.
E se o motor faz banzé
Traga aqui o Nicolau
Seu pimpão ponha-se a pau
E deite azeite na mola,
Se o não tem na caçarola
Agarre-se ao Pirilau.

A.

Não trate mal o meu Zé
Faça-lhe bichinha gata
E ponha-lhe uma gravata
Se não viu o Burrié.
Ai que meiguinho que ele é
Há lá quem diga qu' é mau
E' melhor que o bacalhau
E qu' o diga a Beatriz;
Mas ponha a mão no nariz
Agarre-se ao Pirilau.

Anagrama.

Outro dia no café
D. Adélia — Minha tia
Preguntou ao Zé Maria
Se não viu o Burrié.
Vi, diz ele, e até
Passei um bocado mau
Estive para levar com um pau
Por dizer na brincadeira
Que a Micas da Carvoeira
Agarre-se ao Pirilau.

Monteiro II.

Se a Revista assim é
Não a deixarei de ir ver
Pois tudo me anda a dizer
Se não viu o Burrié
Disse-me o meu amigo Zé
Olhe aquilo não está mau
Com um cochicho de pau
E coisas que faz soltar ais
Se caso não puder mais.
Agarre-se ao Pirilau.

Francisco Rodrigues.

Encontrei o Barnabé
E logo o cumprimentei
E também lhe perguntei
Se não viu o Burrié.
Disse que não. — E eu até —
Gritei-lhe com modo mau
Ouça lá ó seu marau
Vá hoje ao Sá da Bandeira
E p'ra corrigir essa ansieira
Agarre-se ao Pirilau.

Fantasma Negro.

O Carlinhos da Sé,
Essa figura mimosa
Deixará de ser Barbosa,
Se não viu o Burrié.
A própria Beatriz até
Lhe dirá, não seja mau,
Um homem quer-se marau
Caminhe com presunção,
Faça firmeza, senão,
Agarre-se ao Pirilau.

Zé do Norte.

Descanse bela Lélé
Não se ponha assim tão triste,
Porque o amor não resiste
Se não viu o Burrié...
Escute o tólo Tomé
Que lhe diz com olhar mau,
E armado de grande pau:
O' filha vá variar,
E quando se fôr deitar,
Agarre-se ao Pirilau!...

(Gaia).

Magana.

Preguntei um dia ao Zé
Um patego de alto lá,
Mas que joga o bacará,
Se não viu o Burrié...
Respondeu-me ele: — Olaré!,
Por sinal que era bem mau...
Pois apanhei um patau;
Disse-lhe eu assim, — pateta.
Não vê qu'ela não dá treta?!
Agarre-se ao Pirilau!...

(Gaia).

Orno.

— Com os cabelos de pé
Fiquei um dia... no Teatro,
Quem não viu o «Sape Gato»?
Quem não viu o Burrié?
O Manel, o Toné e o Zé,
Todos pagaram o «patau»
P'ra verem. Até o tio Nicolau
Para lá levou a Elvirinha,
E disse-lhe com voz meiguinha:
Agarre-se ao Pirilau.

(Maia).

Rutra Luar.

Em casa já fiz banzé
Para ver a Beatriz,
Pois, ninguém será feliz
Se não viu o Burrié.
Eu já disse a Mari-Zé,
Que namora o Venceslau,
Que um homem não é de pau
E que ela tinha de o ir ver,
Mas se o não puder fazer
Que se agarre ao Pirilau.

Tónio.

No próximo número daremos a relação dos prémios a distribuir a cada concorrente premiado ou louvado. Ao grande *Adriano X. Nel*, rogamos nos envie o retrato, ou — se puder ser melhor — uma caricatura. Seria o ideal.



E agora vamos...

“AQUILO QUE NÓS SABEMOS”

Que vai ser bem engraçado. Já temos muitas e boas quadras sôbre o nosso tema.

Papelaria MARIZ

53, Rua das Oliveiras, 55 — PORTO

(Junto ao Teatro Carlos Alberto)

Bons papeis de carta, 50 fôlhas e envelopes, caixa a 2\$20, 2\$80, 3\$00, 3\$50, marca Tango a 4\$20, outros a 5\$00, linho finíssimo a 6\$50 e 8\$00. Papeis de fantasia, lindíssimos, desde 6\$50 a caixa.

Cadernos para estudantes da Universidade, Liceus e Institutos, em quarto, óptimo papel, de 20, 40, 80 e 100 fôlhas a \$50, 1\$00, 2\$00 e 2\$50, com lindas capas em côres,

Façam as suas compras, sem demora, que protegem os seus interesses.



O PODER DA ELOQUENCIA

PEÇA EM DUAS CENAS E UM AZ (O ADVOGADO)

PERSONAGENS {
 A infeliz esposa
 O filho desnaturado
 O pobre marido
 O juiz integérrimo
 O honesto advogado

A acção passa-se em Sarilhos de Baixo. Actualidade, ou seja, alguma miséria e muito pouca vergonha.

CENA PRIMEIRA

Em casa do pobre marido. Por toda a parte, os sinais evidentes da badalhoque da mulher, cadeiras tombadas, o lume apagado, pratos sujos pelas mesas.

O MARIDO, entrando, cansado do trabalho, à mulher que cata parasitas na cabeça hirsuta do filho:

Mulherzinha, eis-me a teu lado,
 Depois de ter acabado
 O meu dia de trabalho!

A MULHER, esborrachando infelizes insectos entre os dois dedos polegares, e rindo-se azeadamente:

Deves vir muito cansado,
 Meu madraço, meu safado,
 ó meu cara...

(fazendo uma festa ao filho que choramiga)

...Meu mimalho!

O MARIDO, como sempre, humilde:

Sinto-me tão estafado,
 Tão moído e esfomeado,
 E de sono ando tão falho,
 Que só um desejo alento
 Agora neste momento:
 E' o de ferrar o galho!

(entra na alcôva e estira-se por cima da roupa, vestido, começando imediatamente a ressonar.)

A INFELIZ ESPOSA, dando um murro na cabeça do filho, que lhe pôs «knock-out» uma boa dúzia de globe-trotters:

E' de mais! Há muito anelo
 Por acabar esta vida
 Torturada, aborrecida!

(pondo-se em pé, ao filho:)

Agarra nesse martelo!
 Cortemos pela raiz
 Quem nos faz tão infeliz!

(aproximam-se os dois do pobre homem adormecido, êle de martelo na mão, ela de faca da cozinha)

A êle! Ao teu papá!

O FILHO DESNATURADO, dando uma grande martelada na cabeça do pai:

Já 'stá!

A INFELIZ ESPOSA, espetando-lhe a faca no peito até ao cabo, com um gesto de artista de circo ao terminar um exercício arriscado:

Voilà!

CENA SEGUNDA

Sala do tribunal. Casa à cunha, como um dia de «première».

O INTEGÉRRIMO JUIZ, impondo, muito chê-chê, silêncio à barulhenta assistência:

Muito silêncio! Schiu! Schiu!...
 Ou tomam um ar decente
 Ou eu mando toda a gente
 Para...

(Não se ouvem as últimas palavras, porque se levanta o honesto advogado e começa o seu discurso, apontando, com lágrimas nos olhos, o comovente grupo da infeliz esposa e o filho desnaturado, comendo pevides.)

Senhor Juiz! Meus senhores!
 Das grandes e humanas dores
 Que na vida tenho tido,
 Nem uma pode igualar
 O momento ora vivido
 Pra defender, p'ra salvar,
 Duas almas inocentes!

(começa tudo a choramingar)

E' um crime, condenar
 Estes dois miseros entes!

(aumenta o chôro em toda a sala.)

O ADVOGADO, exaltando-se:

Digo e repito: E' um crime
 Tudo quanto aqui se passa!
 O sofrimento redime!
 Pois querem maior desgraça,
 Pois pode haver maior dor
 Do que aquela que êles sentem?

(com arreganho:)

As aparências não mentem!

(ao advogado de acusação:)

Responda, senhor Doutor!
 Vá! Levante a minha luva!

(com trêmulos na voz, apontando o filho desnaturado, que continua a comer pevides:)

Um filho órfão, menor!

(ajoelhando, de mãos erguidas, para a pobre viúva, que se entretém a catrapiscar um major reformado:)

E uma pobre viúva!

(A sentença com a absolvição é lida por entre um chuveiro de lágrimas, o que faz com que o juiz, ao retirar-se, tenha que arregaçar as calças para as não molhar.)

Dr. KNOX.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: Estreia da revista em 2 actos *Pim-Pam-Pum!*
 Carlos Alberto: A revista em 2 actos *Áreas de Portugal*.
 Olímpia: O interessante filme *Estupefacientes*.
 Rivoli: O filme *Código Penal*.
 Trindade: O filme de êxito *O meu campeão*.
 Batalha: O filme *1 hora contigo*.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 14 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação.

LUIZ D'ALMEIDA BRAGA

Paixão e Graça da Terra — São três conferências, tendo por título a primeira **O Presépio da Raça**, que tem por tema a província do Minho, a segunda **A lei do trabalho** e a terceira **Manhã de profissões**. — 384 páginas, capa a duas cores, impresso em óptimo papel — Brochado 12\$50, Encadernado 17\$50.

HENRI ARDEL

Eva e a Serpente — Romance em tradução portuguesa — Brochado 10\$00, Encadernado 15\$00.

COLECCÃO DE HOJE

Últimos volumes publicados nesta colecção:

PALACIO VALDÊS

Maximina — Romance da actualidade, trad. de Florbela Espanca Lage.

JOSÉ MÁ S

A Orgia — Romance sevilhano e de costumes, trad. de Novais Teixeira.

ALBERTO INSUA

Mulheres históricas — Tradução de Campos Monteiro, um romance formidável e de actualidade.

O amôr em dois tempos — Romance, trad. de Campos Monteiro.

Cada volume brochado 7\$50  Cada volume encadernado 12\$50

448 páginas

27 gravuras

em hors texte

CARLOS SANTOS

COMO EU VI A

ESPAÑHA

Um livro

de grande

actualidade

BROCHADO 12\$50 — ENCADERNADO 17\$50